

DIFERENÇAS E
DESIGUALDADES
NO COTIDIANO DA
EDUCAÇÃO
BÁSICA

Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador

Editora Executiva

Prof.ª. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unioesc/Unicamp

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP

Prof.ª. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP

Prof.ª. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp

Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar

Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp

Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR

Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC

Prof.ª. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp

Prof.ª. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas

Prof.ª. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp

Prof.ª. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS

Prof.ª. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS

Prof.ª. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI

Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp

Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR

Prof.ª. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário

Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada

Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero

Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Prof.ª. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada

Prof.ª. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho

Prof.ª. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján

Prof.ª. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata

Prof.ª. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata



ESTA OBRA FOI IMPRESSA EM PAPEL RECICLATO 75% PRÉ-CONSUMO, 25 % PÓS-CONSUMO, A PARTIR DE IMPRESSÕES E TIRAGENS SUSTENTÁVEIS. CUMPRIMOS NOSSO PAPEL NA EDUCAÇÃO E NA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios
(organizadora)

DIFERENÇAS E
DESIGUALDADES
NO COTIDIANO DA
EDUCAÇÃO
BÁSICA

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diferenças e desigualdades no cotidiano da educação básica
/ Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, (organizadora). –
Campinas, SP : Mercado de Letras, 2017. – (Série Educação
Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-499-1

1. Cotidiano escolar 2. Desigualdade social 3. Diferenças
individuais 4. Diversidade 5. Educação – Brasil 6. Educação
básica 7. Políticas públicas 8. Professores – Formação I. Rios,
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. II. Série.

17-09807

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Diferenças e desigualdades :
Cotidiano escolar : Educação 370.115

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

NOVEMBRO/2017

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.	9
<i>Nilma Lino Gomes</i>	

Apresentação	
ENTRE AS PAREDES DA ESCOLA BÁSICA: DIFERENÇAS E DESIGUALDADES	13
<i>Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios</i>	

Primeira Parte	
DOCÊNCIA, DIFERENÇAS E POLÍTICAS DE INCLUSÃO	

capítulo 1	
DIFERENÇAS, DESIGUALDADES E EDUCAÇÃO ESCOLAR: DESAFIOS DA PERSPECTIVA INTERCULTURAL	23
<i>Vera Maria Ferrão Candau</i>	

capítulo 2	
DIVERSIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONTRIBUIÇÕES DO MULTICULTURALISMO E DA PESQUISA-AÇÃO	57
<i>Ana Ivenicki e Giseli Pereli de Moura Xavier</i>	

capítulo 3

DOCÊNCIA E DILEMAS DO DIÁLOGO
INTERCULTURAL NA RELAÇÃO UNIVERSIDADE
E EDUCAÇÃO BÁSICA 73

Marcos Luciano Lopes Messeder

capítulo 4

FORMAÇÃO ÉTNICA CRISTIANIZADA
DE DOCENTES 107

Marise de Santana

capítulo 5

MEMÓRIAS DE UM MOVIMENTO
EDUCATIVO DO/NO CAMPO: CASO DAS
ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS 127

Sandra Regina Magalhães de Araújo

capítulo 6

CONFLITOS E CONSENSOS
DA INCLUSÃO ESCOLAR 159

Luciene Maria da Silva

capítulo 7

POLÍTICAS DE INCLUSÃO ESCOLAR NO BRASIL:
REPERCUSSÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA 189

Cláudia Paranhos de Jesus Portela

Segunda Parte

GÊNERO, SEXUALIDADES

E GERAÇÃO NA ESCOLA

capítulo 8

A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DE UM
“MODUS VIVENDI” DE VALORIZAÇÃO DA
DIVERSIDADE E DE RESPEITO AOS DIFERENTES
MODOS DE SER 227

Fernando Sefner

capítulo 9	
ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS GAYS NO ENSINO MÉDIO: CENAS DE EMPODERAMENTO E HOMOFOBIA	257
<i>Juliane Costa Silva e Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios</i>	
capítulo 10	
ESCRITA DE SI E FORMAÇÃO DOCENTE: SEXUALIDADE E HOMOFOBIA NO COTIDIANO ESCOLAR	285
<i>Elizeu Clementino de Souza e Oswaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez</i>	
capítulo 11	
DIFERENÇAS, GÊNERO E DOCÊNCIA: REFLEXÃO SOBRE <i>BULLYING</i> E HOMOFOBIA NA ESCOLA	319
<i>Silvano Sulzart Oliveira Costa</i>	
capítulo 12	
MEMÓRIAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS: FALANDO SOBRE GÊNERO, GERAÇÃO E TRABALHO	335
<i>Josimara Aparecida Delgado e Cristiane Silva Villa Flor</i>	
capítulo 13	
RELAÇÕES DE GÊNERO E GERAÇÃO: PISTAS DE CARTOGRAFIAS INICIAIS.	367
<i>Ana Lúcia Gomes da Silva e Roberto Santos Teixeira Filho</i>	
SOBRE OS AUTORES	401

PREFÁCIO

A escola da Educação Básica compreende o desafio de lidar de maneira ética e democrática com a diversidade? Compreende que a diversidade faz parte do acontecer humano e, portanto, se realiza na vida de todos nós? Entende que não é possível pensar alternativas para a superação das desigualdades se não encararmos que historicamente se construiu uma tensa relação entre diferenças e desigualdades? Admite que as diferenças foram desconsideradas por muito tempo (e até hoje!) pelo campo da educação, tanto na teoria quanto na prática e nas políticas? E que tudo isso tem repercussões na vida dos sujeitos que estão na escola – docentes, estudantes, técnicos – causando impactos no currículo, permeando a relação pedagógica e as relações humanas que acontecem no cotidiano da escola?

São perguntas consideradas, hoje, procedentes e legítimas no campo da docência e da pesquisa educacional. Mas nem sempre foi assim. O reconhecimento de que existe uma relação entre diferenças e desigualdades na sociedade e na educação brasileira começou a ocupar um lugar de maior destaque nas preocupações das educadoras e educadores a partir de meados dos anos 90, no Brasil. Embora sempre tivéssemos entre nós, pesquisadoras e pesquisadores, docentes, gestoras e gestores

educacionais que se preocupavam com a forma por meio da qual as diferenças eram tratadas no campo educacional e como eram des(consideradas) por ele, a maior visibilidade desse debate ainda é recente.

O mais interessante é que esse processo de reconhecimento da presença da diversidade e das diferenças não veio nem do Estado, nem da formação de professores e nem mesmo do movimento docente. Ele foi tensionado pelos movimentos sociais, principalmente, os de caráter identitário. E pelos coletivos sociais diversos transformados em desiguais e organizados nas mais diferentes formas de ações coletivas.

A ação do Movimento LGBT, movimento negro, movimento feminista, movimento dos trabalhadores do campo, movimento indígena, das Ongs e ações coletivas progressistas que lutam pela inclusão das pessoas com deficiência e pela educação de jovens e adultos, entre outros, são os protagonistas desse processo de reconhecimento da diversidade e da forma desigual como historicamente as diferenças têm sido tratadas pelo Estado, pela universidade, pela educação básica e pelos docentes no cotidiano escolar.

Os movimentos sociais e os coletivos sociais diversos politizaram a questão da diversidade e das diferenças expandindo a sua ação política para os mais diversos espaços e instituições sociais. Os movimentos sociais exigiram (e exigem!) do Estado brasileiro que lhes dê respostas políticas às suas demandas sociais. Respostas que conduzam à superação das desigualdades. Que garantam o direito à diversidade.

O livro *Diferenças e desigualdades no cotidiano escolar da Educação Básica* nos ajuda a compreender mais sobre esse processo de tensões e negociações. As autoras e os autores não somente analisam a presença das diferenças na escola, a sua presença na vida dos sujeitos e na relação com o cotidiano

escolar como, também, apresentam propostas de ação. O livro nos revela que não há uma resposta única para tal complexidade, mas isso não pode inviabilizar a nossa ação.

São propostas de um novo formato de escola, da construção de um currículo multicultural, de uma formação de professores que assuma um compromisso teórico e epistemológico da história da humanidade na sua complexa relação com as diferenças, igualdade e desigualdade, além de discussões sobre os rumos e as práticas de inclusão de pessoas com deficiência, as tensões presentes na relação entre gênero, sexualidade e geração na escola. Mas a obra não se limita às propostas institucionais e teóricas. São os sujeitos o foco central das análises realizadas.

Nas suas mais diversas abordagens o livro *Diferenças e desigualdades no cotidiano escolar da Educação Básica*, por meio dos seus artigos, nos mostra a postura teórico-epistemológica de um grupo de pesquisadoras e pesquisadores que reconhecem o necessário posicionamento da escola e da formação dos professores diante de uma educação emancipatória. Uma educação que reconheça as diferenças como um trunfo. E, ao fazer isso, não se permite ficar no lugar da inércia e se coloca corajosamente do lado da luta por direitos e dos coletivos sociais diversos transformados em desiguais. Os sujeitos desses coletivos estão hoje na Educação Básica e no Ensino Superior. Não mais como destinatários das políticas educacionais, mas como sujeitos dessas políticas. E, portanto, sujeitos de direitos ao conhecimento, ao respeito à sua raça, etnia, crenças, sexualidades e culturas.

A Educação Básica não é mais a mesma desde que foi pressionada social e politicamente a reconhecer, garantir o acesso e a permanência dos diferentes sujeitos sociais na escola. A universidade também não é mais a mesma. O Brasil é um outro país. A jovem democracia brasileira foi indagada pela diversidade para que se ampliem as políticas sociais, sejam

construídas políticas de ações afirmativas e seja garantido a todos nós o direito de sermos quem somos, expressando e vivendo as nossas diferenças. É pela continuidade dessa democracia que todos nós, que acreditamos na importância da emancipação social continuamos a lutar em tempos de golpe parlamentar instaurado em 2016. Um golpe que nos impõe uma série de perdas de direitos e abre espaço para uma onda conservadora, inimiga do direito à diversidade e à diferença.

Esse livro chega, pois, em boa hora. Hora de somarmos esforços para que os avanços democráticos da sociedade e da educação brasileira não retrocedam. E um deles é o trato ético, político e de reconhecimento das diferenças na escola.

Nilma Lino Gomes

Professora da graduação e
pós-graduação da FAE/UFMG.

Setembro de 2017.

Apresentação

ENTRE AS PAREDES DA ESCOLA

BÁSICA: DIFERENÇAS E DESIGUALDADES

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

Entre as paredes da escola da Educação Básica há muito que o contar, o que experimentar, o que dizer. Sujeitos de diferentes cores, raças, gêneros, sexualidades, crenças, idades transitam, atravessam e constituem os marcadores sociais e culturais de diferenças nesse espaço de produção de conhecimento. É neste cenário que nasceu o livro *Diferenças e desigualdades no cotidiano escolar da Educação Básica* que tem por objetivo discutir os atuais desafios da docência voltados para ampliação dos direitos sociais e democratização da educação brasileira, a partir de práticas e políticas públicas que atravessam o cotidiano da escola.

A obra é produzida em um contexto de extrema crise política no Brasil que tem acarretado, diretamente, a perda de direitos adquiridos ao longo da nossa história, através de lutas da sociedade civil organizada. Um período em que a própria constituição brasileira é colocada à deriva, no que se refere, principalmente, aos direitos trabalhistas e à Educação Brasileira.

Com essas implicações, organizamos este livro a partir de redes de pesquisas e formação entre universidades e escolas públicas brasileiras articuladas através do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO.¹ Este movimento nos mostra o quanto tem sido importante socializar experiências e pesquisas entre professores da educação básica e professores universitários acerca da temática, reunindo enfoques epistemológicos variados que contrapõem os modelos de normalidade que (de) marca os modos de fazer e viver na escola. Modelos que atravessam as paredes da escola, estabelecendo aquilo que nos diferencia ou nos homogeneiza nos processos de construção de conhecimento, na escolha e legitimação de saberes e práticas que circundam a escolarização.

As discussões apresentadas nos diferentes capítulos são organizadas em duas partes que procuram aprofundar dimensões vinculadas à legitimação da docência no cenário nacional, especificamente, nos diversos aspectos relacionados às diferenças e desigualdades no cotidiano escolar. A partir de vertentes teóricas distintas, as diferenças são apresentadas aqui como construções político-discursivas em que os sujeitos se constituem e se posicionam em seus pertencimentos identitários na escola, estabelecendo diálogos e negociações nas relações de confronto e nas tensões produzidas na coexistência das diferenças.

A primeira parte do livro intitulada *Docência, diferenças e políticas de inclusão* reúne sete textos que relacionam questões de ensino e pesquisa às políticas de inclusão no cenário da Educação Básica. No primeiro texto, *Diferenças, desigualdades e Educação Escolar: desafios da perspectiva Intercultural*, através de pesquisas realizadas com o apoio do CNPq, Vera

1. O Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, da Universidade do Estado da Bahia.

Maria Ferrão Candau defende a ideia de um novo formato de escola capaz de articular políticas de igualdade com políticas de reconhecimento, a partir da incorporação da educação intercultural crítica em todos os níveis e âmbitos da educação. Nesse texto, a autora vincula teorias e pesquisas sobre a temática com a apresentação de aspectos fundamentais para construir práticas educativas interculturais no cotidiano escolar.

O texto *Diversidade e formação de professores na Educação Básica: contribuições do multiculturalismo e da pesquisa-ação*, de Ana Ivenicki e Giseli Pereli de Moura Xavier, aborda as contribuições do multiculturalismo para a formação continuada de professores a partir de pesquisa e extensão universitária voltadas para a construção de currículo multicultural. As autoras discutem os sentidos acerca do multiculturalismo para a educação e partem de experiências com a pesquisa-ação no contexto da construção de referenciais curriculares para municípios do Estado do Rio de Janeiro. Por fim, sinalizam os desafios e potencialidades dessas experiências voltadas para a valorização da diversidade cultural e das diferenças no cotidiano escolar.

Marcos Luciano Lopes Messeder, no texto *Docência e dilemas do diálogo intercultural na relação universidade e educação básica*, apresenta reflexões sobre os desafios para uma educação intercultural a partir de três experiências formativas desenvolvidas pelo autor na Universidade do Estado da Bahia, sendo elas: Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena (LICEEI), formação de professores em disciplinas ou componentes relativos à diversidade cultural e étnico-racial em cursos de graduação e pós-graduação. A partir dessas reflexões, o autor defende que para a formação do professor é necessário um entendimento teórico e epistemológico da história da humanidade, entendida em sua complexa diversidade e os compromissos éticos, existenciais e políticos para uma atuação crítica acerca das diferenças e desigualdades.

Em *Formação Étnica Cristianizada de Docentes*, Marise de Santana utiliza o método da etno-pesquisa-ação, através do uso de histórias de vida de professores, para perceber como se dão as aprendizagens no interior dos pertencimentos étnicos dos docentes, tendo como referência os símbolos sagrados que atravessam seu trabalho na escola. O estudo mostra que o pertencimento étnico cristão é o resultado de complexos atos linguísticos que reafirmam as formas como os/as docentes construíram suas relações no seio de suas famílias, religiões, partidos políticos, sindicatos, escolaridades.

O texto *Memórias de um movimento educativo do/ no campo: caso das escolas famílias agrícolas*, de autoria de Sandra Regina Magalhães de Araújo, retoma parte da história das escolas famílias agrícolas no Brasil, por meio das narrativas do seu criador – Pe. Humberto Pietogrande. Em seguida, a autora relata a memória da formação por alternância no Estado da Bahia e a criação das regionais: AECOFABA e REFAISA. O texto destaca a importância dessas escolas com uma pedagogia diferenciada para/na formação integral dos adolescentes e jovens que moram e produzem no campo baiano e brasileiro.

Luciene Maria da Silva, no texto *Conflitos e consensos da inclusão escolar*, discute questões acerca da inclusão escolar dos alunos com deficiências e a forma como vem sendo efetivada nas escolas regulares no Brasil. Para tanto, a autora parte da perspectiva operacional das propostas educacionais que se constituem em políticas e textos legais, abordando uma concepção crítica acerca da deficiência. Apresenta uma breve descrição sobre a escolarização das pessoas com deficiência no Brasil para chegar a atual configuração da educação inclusiva que estabelece a sala de recursos multifuncionais como o *locus* do atendimento educacional especializado.

As questões sobre as *Políticas de inclusão escolar no Brasil* ganham continuidade na obra a partir do trabalho de Claudia

Paranhos de Jesus Portela que aborda as repercussões destas na prática pedagógica. Trata-se de um histórico acerca da inclusão escolar, em que a autora parte dos aspectos referentes à educação especial até a perspectiva da educação inclusiva. A autora analisa os fundamentos desse novo paradigma de educação, o propósito no contexto educativo e a forma de lidar com o público. Ao final do texto, constata que o movimento da inclusão escolar envolve uma mudança de cultura e de organização da escola para assegurar acesso e participação para todos os alunos que a frequentam regularmente, sendo este também um grande desafio para a docência.

A segunda parte do livro dedica-se às discussões, pesquisas e estudos sobre diferenças marcadas e demarcadas no espaço escolar pela luta, empoderamento, homofobia e tensões geradas no diálogo constante com as diferenças de *Gênero, sexualidades e Geração na escola*. Fernando Seffner abre a discussão com o texto *A escola e a construção de um “modus vivendi” de valorização da diversidade e de respeito aos diferentes modos de ser* em que o autor parte da concepção da escola como um dos primeiros espaços de inserção dos jovens em política pública, sendo este cotidiano organizado a partir dos marcadores sociais da diferença. O texto defende a necessidade de criar um *modus vivendi* no território escolar que ensine as novas gerações a dialogar entre grupos e indivíduos com posições diferentes, considerando os direitos humanos como referenciais políticos e social para pensar esta discussão, assim como os professores e professoras como sujeitos que operam a política pública neste espaço.

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios e Juliane Costa Silva apresentam o texto *Escolarização de jovens gays no Ensino Médio: cenas de empoderamento e homofobia* que traduz o resultado de pesquisa (auto)biográfica desenvolvida com jovens da Educação Básica no interior da Bahia. O estudo parte de cenas escolares recolhidas nas narrativas dos jovens, nas

quais as autoras analisam as experiências vividas no processo de escolarização a partir do enfrentamento da homofobia e a construção de negociações de pertencimentos. A partir dos resultados da pesquisa, as autoras apontam a escola como um espaço de politização das diferenças e das identidades, fornecendo instrumentos para questioná-las em seus processos históricos de fixação de subalternidades.

Elizeu Clementino de Souza e Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez apresentam no texto *Escrita de si e formação docente: sexualidade e homofobia no cotidiano escolar* fundamentos teórico-epistemológicos, assim como estratégias didáticas adotadas pelo projeto de formação ‘Direitos Humanos e diversidade sexual na escola: homofobia, trabalho docente e cotidiano escolar’, no que se refere à construção de discursos sobre gênero e sexualidade na escola. O texto organiza-se, inicialmente, a partir do campo de estudos sobre a sexualidade, por intermédio das ideias de Michel Foucault sobre história da sexualidade no ocidente. Na segunda parte do texto, os autores trazem concepções e abordagens apresentadas no curso de formação que se desdobraram nas narrativas dos docentes em teorização de práticas históricas de interdições sexuais veiculadas em suas formações e seus rebatimentos no cotidiano escolar.

Diferenças, gênero e docência: reflexões sobre bullying e homofobia na escola, de Silvano Suzart Oliveira Costa, discute o lugar das diferenças em relação a gênero e sexualidade no cotidiano escolar a partir das experiências docentes vividas pelo próprio autor em uma escola pública da rede municipal da região metropolitana de Salvador. A partir da realidade vivida, o autor convida os leitores a pensar acerca de duas questões principais: Como a escola tem trabalhado com as questões das diferenças de identidade de gênero? Como os professoras e professores lidam com questões do *bullying* homofóbicos no cotidiano escolar? Estas questões são discutidas no texto a partir de concepções de

gênero inscritas numa perspectiva pós-estruturalista, dialogando com Louro (1999 e 2004), Gomes (2008), Fante (2005, 2008), e através das análises de relatos de vida de dois estudantes do Ensino Fundamental que foram vítimas de *bullying* e homofobia na escola.

Em *Memórias de professoras aposentadas: falando em gênero, geração e trabalho*, Josimara Aparecida Delgado e Cristiane Villa Flor discutem, a partir das noções de gênero e geração, a especificação da experiência de professoras aposentadas, tratando do significado da docência para essa geração de professoras, considerando sua inserção em famílias de trabalhadores e o significado do magistério nesse contexto. O texto procura compreender, a partir do entrelaçamento de classe, gênero e geração, como as professoras elaboram o passado, repensando a trajetória histórica do magistério. O estudo baseou-se em histórias de vida de professoras aposentadas, as quais possibilitaram as autoras analisar diferentes processos de mudança e continuidade na educação brasileira. Por meio desses relatos, foi possível registrar uma história comum de trabalho e proteção social, bem como os caminhos particulares construídos pela mediação diferenciada de vetores de classe e geração, presentes na vida de cada uma das docentes.

Para concluir, Ana Lúcia Gomes da Silva e Roberto Santos Teixeira Filho apresentam no texto *Relações de gênero e geração* pistas de cartografias iniciais que tencionam esta discussão no cenário educacional da Educação Básica. O estudo é realizado através de pesquisa qualitativa e quantitativa, em que os autores buscam mapear diferentes aspectos sobre as categorias interseccionais escolhidas a partir de dados censitários sobre o Nordeste brasileiro e, especificamente, sobre a Bahia que relacionam/cruzam um público de mulheres jovens, mulheres idosas, negras, indígenas, lésbicas, decorrentes das diversidades internas à categoria feminina. A leitura destes dados acontece a

partir de políticas de sentido que transversalizam os lugares de gênero e geração na educação, nos espaços e tempos pesquisados.

As discussões propostas aqui tornam esta obra instigante no sentido de adentrar nos sentidos e práticas construídas entre os autores, professores, leitores e o cotidiano das escolas da Educação básica. Este cotidiano complexo, polissêmico, multi/intercultural é desafiador e envolve muitas questões que nos exige ampliar as redes de inquietações e tensões sobre as políticas da diferença na escola. É nesta relação que esperamos que este livro potencialize outras tensões e negociações sobre a temática. Uma boa leitura a todos!